

ESPAÇO
PEDAGÓGICO
RESENHA

Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister

Márcio Luís Marangon*

A *Bildung*, por meio do *Bildungsroman*, demonstrou-se como uma alternativa não formal, mas indicativa, à formação dos indivíduos da Alemanha do século XVIII. Por intermédio dos romances de formação, a Alemanha e toda a Europa ganharam um grande aliado para construir uma reflexão sobre o momento socio-político assim como sobre a formação individual.

Como importante exemplo do *Bildungsroman* pode ser citada a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – poeta e estadista alemão de grande notoriedade. Na obra composta por oito livros (publicada em duas partes, em 1795 e 1796), Goethe narra a trajetória de Wilhelm Meister, um jovem, filho de família burguesa, que tinha como possibilidade seguir o caminho do comércio, como sua família pretendia, porém, sentindo-se impulsionado para a formação cultural, optou por ingressar no mundo da arte, mais precisamente do teatro, momento em que iniciou uma caminhada cheia de aventuras (e desventuras) em direção ao seu objetivo: alcançar uma formação adequada.

O teatro está presente em boa parte da obra, pelo menos até o livro V, e contribui para demonstrar a sociedade da época, visto que o personagem Wilhelm, por meio da participação nas peças, ora como ator, ora como diretor, tem a oportunidade de visitar espaços da aristocracia, bem como ter contato com entidades secretas e com o círculo burguês em seus desejos de ascensão social.

A partir do livro VI, a obra mostra outros caminhos ao personagem. O abandono do teatro, por exemplo, oferece ao leitor novas perspectivas de formação vislumbradas por Goethe, tanto no que se refere ao contato mais direto do personagem Wilhelm com a entidade secreta chamada Sociedade da Torre, ligada à educação pelo erro, como no contato do protagonista com o personagem Natalie, que prega uma educação mais livre, mas, ao mesmo tempo, ligada à tradição ou a certas leis que podem guiar os indivíduos à autoformação com menos chance de equívocos.

Recebido em: 27/04/2017 – Aprovado em: 10/08/2017

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v24i3.7770>

Doutorando em Educação na Universidade de Passo Fundo. E-mail: mlmarangon@yahoo.com.br

Entretanto, é no livro VIII que o jovem Wilhelm demonstra o motivo de levar a palavra “mestre” (Meister) em seu sobrenome. Isso acontece quando o protagonista, após descobrir-se pai, percebe que deve preparar-se para repassar ao seu filho tudo aquilo que aprendera até o momento e que pode, assim, contribuir com a formação de outros indivíduos, auxiliando-os a buscar a autoformação, como um molde que tem algo a oferecer (um dos símbolos da formação *Bildung*).

Nesta caminhada do protagonista, Goethe toca em vários temas concernentes à Alemanha da época: divisão social de classes, relações familiares, arte, economia, entre outros assuntos, mas, principalmente, a formação. Fatos esses que podem ser mais bem compreendidos ao analisar a obra detalhadamente, livro por livro.

No primeiro livro da obra, por exemplo, Goethe inicia tratando do tema dos casamentos arranjados e da subjugação feminina, além de apontar algo que pode ajudar os indivíduos a equilibrar o ser e o parecer: a escolha por uma boa formação desde a infância. O investimento em uma boa educação, bem como a curiosidade e o gosto pela leitura e pelo saber, parece servir de mote para apontar tal caminho a todas as famílias que desejam constituir bons indivíduos no futuro. Esse apontamento era direcionado principalmente à burguesia da época, para que essa almejasse desde cedo uma boa formação aos seus filhos, em um momento de crescimento socioeconômico que permitia tal investimento. Neste caso, aborda falhas não observadas na formação das crianças, tal como explicita sua predileção por uma educação que enaltece a curiosidade e o gosto pela aprendizagem em detrimento de uma educação mais formal e mecânica.

Passadas as primeiras apresentações, Goethe segue o rumo da obra trazendo à tona o tema da autorreflexão, no qual busca arranjar situações em que os personagens percebam suas condições sociais e espirituais a partir da análise do passado bem como da necessidade de aprofundar o conhecimento de si mesmo e de suas próprias vidas, para que não confundam o significado de *destino* (tema importantíssimo para o autor) com algo predeterminante e limitador dos indivíduos, mas, sim, que o vejam como algo potencializador de perspectivas e autoconhecimento.

Nesse aspecto, o autor também prepara a continuidade da obra. Ele quer demonstrar a necessidade do autoconhecimento e as limitações de cada indivíduo, por isso: será necessário que Wilhelm Meister saia em viagem para compreender melhor a si mesmo e a sociedade que o cerca, e tal fato servirá, ainda, para que possa definir-se em suas necessidades de formação e possibilidades de constituição como indivíduo.

Assim, o início da viagem é o tema principal do segundo livro, no qual confirma seus apontamentos do final do primeiro capítulo: “[...] tudo aquilo que se mostra acabado, concluído, não pode absolutamente reter nossa atenção” (GOETHE, 2006, p. 87). Goethe quer um personagem em contínua construção, que sirva de

molde e encorajamento para os jovens alemães lutarem contra sua condição social e cultural. Por isso, retira tudo o que dava segurança na vida do personagem Wilhelm, para questionar sua vaidade e suas certezas quanto ao seu destino, fazendo-o deixar de lado a esperança do amor e da criação poética e decidir partir em viagem, dedicando-se aos ofícios burgueses, colocando todo seu talento à disposição da loja de seu pai. Com isso, demonstra que, ao abandonar seus dogmas, Wilhelm consegue ver e rever seus antigos trabalhos e produções, além de ver, defronte a si mesmo, seu “eu” modificado.

Assim, o segundo livro reserva, em seu transcorrer – que começa com a viagem a negócios de Wilhelm e, porém, termina com ele se envolvendo com a montagem de uma trupe teatral –, uma série de situações que colocam Wilhelm em meio aos questionamentos e às descobertas que não teria se permanecesse em seu ambiente familiar ou, pelo menos, se permanecesse em seu processo inicial de inércia e contentamento com o futuro burguês que lhe estava prometido.

O encontro, por exemplo, com os atores Laertes e Philine, ou com um harpista (de vida e passado misteriosos) de grande talento, ou com a menina Mignon (de passado também desconhecido) fá-lo repensar sobre a importância da construção autobiográfica de cada um, além da importância que ele mesmo poderia ter na vida de outra pessoa, se estivesse preparado para isso.

Tal preparação autobiográfica inicia-se no terceiro livro, no qual Wilhelm envolve-se com uma trupe teatral, tornando-se membro dela e ganhando notoriedade como ator – destacando-se não só em suas apresentações, como também com sua presença. Porém, como o teatro não é o único princípio de formação que Goethe quer apresentar na obra, ainda ao final deste mesmo livro, é anunciada a possibilidade do rompimento do herói com o teatro, dando perspectivas de novas aberturas e novas possibilidades ao personagem Wilhelm Meister.

Com isso, contrapondo-se ao desejo de muitos de seus amigos da época, como Schiller, Goethe usa o Livro III para preparar o contexto do personagem para o Livro IV, quando ele percebe a necessidade de um caminhar ao encontro da vida e de sua constituição, por meios omnilaterais, que vão além das experiências do teatro e da estética.

Assim, no Livro IV, Wilhelm vai perceber que, nos últimos anos, havia deixado de prestar conta de suas atividades: de trabalho, que seu pai havia indicado no início de sua viagem; de construção autobiográfica, já que o tempo passava e ele se encontrava na mesma situação de vida. “É horrível como o tempo passa, como tudo se modifica e chega ao fim” (GOETHE, 2006, p. 205), menciona o personagem, indicando que, por mais que acreditasse que o destino já lhe era reservado, seu destino demonstrava-se não determinado e não determinante, aberto às suas ações

e omissões. Tentando consertar o erro, Wilhelm acaba equivocando-se novamente: no momento em que recebe a missão de guiar a trupe para um novo caminho, acaba conduzindo-os, mesmo sem querer, a uma emboscada. A trupe é assaltada e a responsabilidade cai nas mãos de Wilhelm: estaria ele realmente preparado para conduzir a si mesmo e aos outros? Parece que ainda não! Eis a encruzilhada que marca o Livro IV: quando estamos preparados para nos conduzir e conduzir os outros?

O Livro V reforça tal questionamento. Inicialmente, mostra o personagem em busca de uma nova oportunidade de mostrar seu talento para com o teatro e de preparar-se para enfrentar os desafios da vida através dele, porém, uma triste notícia, em forma de carta, com selo de luto, vem assolar Wilhelm: depois de uma inesperada e breve doença, seu pai havia morrido. Fato que é um grande choque para ele. Seu sentir e seu pensar ainda não estavam preparados para tal notícia, pois se “via livre num momento em que ainda não havia acabado de se por em harmonia consigo mesmo [...], tivera ocasiões bastantes de perceber que carecia de experiência” (GOETHE, 2006, p. 279). Olhava demais ao seu redor, prestava atenção demais aos outros e, assim, perdia sua natural maneira de pensar e agir, “esforçando-se para harmonizar consigo mesmo, Wilhelm se afastava cada vez mais de sua proveitosa unidade” (2006, p. 280).

Diante de tais fatos, é possível afirmar que o Livro V torna-se uma espécie de “divisor de águas”. Wilhelm Meister decide, enfim, por se colocar sobre as próprias decisões e ir em busca de uma formação que o constitua integralmente: “Para dizer-te em uma palavra: instruir-me a mim mesmo, tal como sou, tem sido obscuramente meu desejo e minha intenção, desde a infância” (GOETHE, 2006, p. 285). Dessa forma, o personagem não somente se decide pela sua própria instrução, como também se torna um elo para Goethe fazer uma severa crítica à formação da sociedade burguesa da época, denunciando as desigualdades sociais e de formação que a Alemanha passava e o desleixo da burguesia por uma formação de qualidade, primando pelas riquezas em detrimento da cultura, o que era inaceitável para o autor.

A partir disso, abrem-se novas e indefinidas possibilidades, as quais serão retomadas somente no Livro VII. Isso porque o Livro VI parece, em sua primeira impressão, um livro à parte de tudo o que a obra apresenta. Intitulado “Confissões de uma bela alma”, o livro é inspirado nas confissões de Susanna Katharina von Klettenberg, parente e amiga da família de Goethe, mais precisamente, uma das amigas da mãe dele, pela qual o poeta tinha muita admiração. Também é possível – e importante – apontar que tal livro está escrito dentro de um conceito de literatura pietista, o que contribui para ampliar os conceitos de formação apontados nos últimos dois livros.

Na retomada do contexto da obra, o Livro VII inicia com Wilhelm em marcha, por um caminho totalmente novo – que significa também um caminho que sua vida

toma a partir daquele momento. Nele, Wilhelm aprende que “[...] tudo o que nos acontece deixa-nos rastros, tudo contribui, ainda que de maneira imperceptível, para nossa formação” (GOETHE, 2006, p. 406).

Tal reflexão se dá pelo pressuposto de que Wilhelm (diante de circunstâncias não muito boas) decide por abandonar de vez o teatro e, ao mesmo tempo, descobre-se pai. Eis, então, uma guinada e tanto na obra de Goethe: aquele que antes buscava sua formação, agora, vê-se responsável pela formação de outro, mesmo sem ver-se preparado para isso.

Ainda no livro VII, Goethe apresenta que a formação de seu personagem não ocorreu por “verborragia”, mas, sim, pelas experiências que o possibilitaram contemplar-se, conhecer-se e aperfeiçoar-se, sem fugir de sua natureza. É possível compreender que, para o autor, a natureza possibilita ao homem atingir seu ápice (ou não), pois, por mais que o homem busque na razão seu aperfeiçoamento, é impossível atingir seu ponto máximo sem conhecer sua natureza. É ela o destino do homem, *Tyché*, que não o limita, mas deve ser conhecida e respeitada para que o homem não sofra patologias desnecessárias. E, nesse sentido, a formação apresentada por Goethe na obra vai além dos projetos iluministas, sendo uma junção entre os projetos iluministas da razão e os projetos românticos da natureza humana, uma mescla entre formação estética e formação prática (algo que ficará mais claro na continuação da obra – *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister*).

O Livro VIII é reservado para os encaminhamentos. Agora, Wilhelm vê-se na necessidade de conduzir seu filho, formando-o enquanto se formava, mas, para isso, precisa preocupar-se com seu futuro: ter uma profissão, uma família, dar uma contribuição à sociedade. Goethe aponta, no Livro VIII, encerrando sua obra, que a importância da formação individual vai além de questões narcísicas: é preciso encontrar e ser o melhor de si para contribuir com a sociedade da melhor maneira possível.

Assim, Goethe encerra a obra sem demonstrar o futuro do jovem Meister, deixa-o aberto, apenas reforça o movimento de abertura e o “terror” ao destino fatalista. O autor busca apontar as necessidades e as dificuldades da formação, desde a infância até a juventude, e, igualmente, procura demonstrar como cada época apresenta suas necessidades, sendo que o diferencial está na preparação de cada indivíduo para enfrentar tais necessidades.

Referência

GOETHE, Johann W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2006.